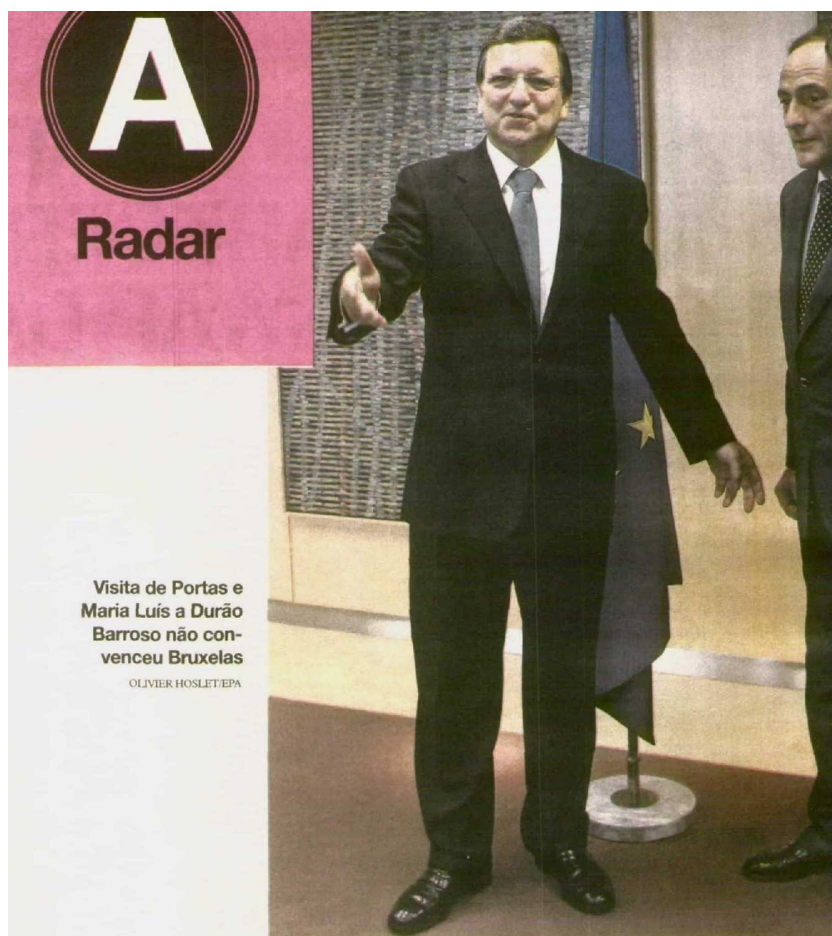




Troika. União nacional para o défice de 4,5% com 5,5 mil milhões em cima da mesa

Governo, parceiros, Presidente. Todos querem mais défice em 2014 com muitas promessas ainda por cumprir

ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA
antonio.ferreira@ionline.pt

Começou mais uma maratona de Portugal com os seus credores, a oitava e a nona desde que o país atirou a toalha ao chão e pediu ajuda internacional. E promete. Desta vez, Portugal entrou a matar, com Paulo Portas a mostrar que é diferente de Vítor Gaspar. Em cima da mesa colocou logo a questão de flexibilizar o défice para os 4,5% em 2014, depois de ter ficado assente na

sétima ronda que o valor é 4%. Mais do que isso: numa avaliação que durou quatro meses e foi fechada com a ajuda de Nossa Senhora de Fátima, o governo português prometeu solenemente à troika, em cartas assinadas pelo primeiro-ministro, em Maio e em Junho, que ia cortar 4700 milhões na despesa do Estado. Não uma promessa vaga, mas com medidas concretas e devidamente valorizadas. Acontece que Junho já lá vai, o mês de Setembro vai a meio e, de

concreto, só existe o plano de rescisões por mútuo acordo que valem 252 milhões de euros em 2014. O resto está guardado nos corredores do governo, no parlamento ou no calvário do Tribunal Constitucional.

TRÊS A ZERO PARA A TROIKA Do lado dos credores há argumentos de peso. Em primeiro, a falta de medidas que possibilitem os cortes. Em segundo, a crise política de Julho, provocada por Vítor Gaspar e Paulo Portas. Em



terceiro, os chumbos sistemáticos do Tribunal Constitucional a medidas importantes. Neste ambiente de incerteza, e apesar de alguns sinais positivos na economia, os juros da dívida passaram claramente as linhas vermelhas e a troika endureceu posições como nunca tinha acontecido no passado.

EUROPA AZEDA As reacções dos parceiros europeus foram violentas. O presidente do Eurogrupo mandou Portugal fazer o que lhe compete e deu um conselho: "É um mau sinal andar por aí a pedir flexibilização do défice." Olli Rehn também foi claro na posição da Comissão Europeia sobre o défice: "Não conhecemos nenhum pedido do governo nesse sentido e o melhor que Portugal tem a fazer é cumprir o que ficou acordado na sétima avaliação." E o presidente do Mecanismo Europeu de Estabilidade completou o assunto de forma ainda mais transparente: "Em cima da mesa estão 5,5 mil milhões. Cabe a Portugal dizer se os quer ou não."

VIOLA E DINHEIRO NO SACO A nova estratégia portuguesa nas negociações com a troika foi domingo explicada de forma popular pelo comentador Marcelo Rebelo de Sousa: "A troika

tem é de meter a viola no saco." Uma fonte comunitária respondeu com algum humor: "Ok, nós não metemos apenas a viola no saco. Metemos também o dinheiro." E adianta ao i, em tom mais sério, que "os braços-de-ferro entre credores e devedores costumam ser ganhos pelos primeiros". E os exemplos da Grécia e, mais recentemente, de Chipre dão razão a Bruxelas. O dinheiro dos resgates só aparece quando está tudo aprovado e no terreno – algo que Portugal não pode dizer à troika nestas avaliações.

TROIKA VISITA PARCEIROS Mas ontem, dia da chegada da troika, com Passos calado sobre a possibilidade de pedir um alargamento das metas do défice, depois de ter dito que ainda "não há uma decisão" sobre essa matéria, o vice-primeiro-ministro, Paulo Portas, insistiu no final de uma reunião com os parceiros sociais na ideia, dizendo até que "estranho seria, em nome do interesse nacional, que Portugal não mencionasse esse facto". Este tom vai ao encontro do defendido pelo Presidente da República (ver página 4) e dos parceiros sociais, que hoje têm oportunidade de falar com a troika em intervenções iniciais de dez minutos com direito a intérprete. Com Liliana Valente

Citações

"Estranho seria, em nome do interesse nacional, que Portugal não mencionasse à troika o objectivo de flexibilizar o défice para 2014"

Paulo Portas
VICE-PRIMEIRO-MINISTRO

"Espero que os parceiros internacionais revelem bom senso e não comprometam a recuperação da economia"

Cavaco Silva
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

"O governo tem vindo a negociar um défice de 4,5% para 2014 desde Junho"

António Saraiva
PRESIDENTE DA DIP

Troika veio para ficar com juros no vermelho e dívida imparável

Dia 23, Portugal paga 5,6 mil milhões de obrigações do Tesouro e em 2014 são mais 14 mil milhões, fora juros e défice do Estado

●●● A troika aterrou ontem em Lisboa, com os juros da dívida portuguesa a ultrapassarem claramente a linha vermelha dos 7%. A yield nacional a dez anos apresentava uma subida ligeira até aos 7,427% em mercado secundário, muito perto dos 7,508% verificados em Julho, na reacção às demissões inesperadas de Vítor Gaspar e Paulo Portas. Nas últimas 15 sessões, a

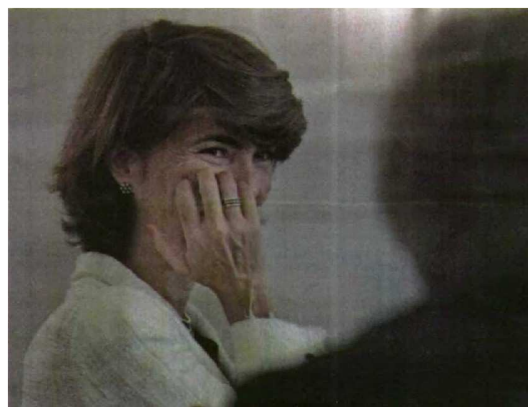
percepção de risco sobre a dívida portuguesa a dez anos agravou-se por 13 vezes, o que aumentou a distância para as obrigações irlandesas na mesma maturidade. O diferencial entre os juros dos dois países nos títulos a dez anos está agora em 341 pontos-base, um máximo de 12 de Julho. O agravamento do risco associado a Portugal levou o IGCP a ajustar em baixa o montante indicativo do leilão agendado para amanhã, através do qual se obterá, no máximo, 1250 milhões de euros em bilhetes a três e a 18 meses.

E Portugal bem precisa de dinheiro. É verdade que tem 21 mil milhões depositados, mas dia 23 tem de reembolsar 5,6 mil milhões em obrigações do Tesouro e em 2014, só nestas obrigações, precisa de 14 mil milhões, fora juros da dívida e o défice orçamental. O panorama para 2015 é semelhante, isto é, nos dois próximos anos Portugal precisa, pelo menos, de 36 mil milhões para cumprir os seus compromissos. É por isso que os 5,5 mil milhões da troika a juros baixos são indispensáveis, como será inevitável uma ajuda suplementar dos credores depois de Junho de 2014. Isto é, a troika veio para ficar. A. R. F

5,6
mil milhões é o valor a pagar dia 23 pelo reembolso de obrigações do tesouro

14
mil milhões é o valor a pagar em 2014 pelo reembolso de obrigações do tesouro

36
mil milhões, montante mínimo necessário para Portugal pagar dívidas até 2016



Isabel Castelo Branco tem uma dura tarefa MANUEL DE ALMEIDA/LUSA